



Breve análise de elementos da cultura (folk) em episódios do programa Cocoricó¹

Júnia MARTINS²
Júnior PINHEIRO³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Resumo

O programa televisivo Cocoricó, voltado às crianças em idade pré-escolar, é exibido pela TV Cultura de São Paulo desde 1996. Protagonizado por bonecos artesanais manipulados, pode-se observar – dos figurinos e cenário ao conteúdo discursivo – elementos característicos da cultura folk, o que toma esta como produto midiático para o público infantil. O presente artigo tenta identificar, descrever e analisar alguns destes elementos situados em episódios do Cocoricó que tem a fazenda como palco. O estudo, de natureza qualitativa, cunho exploratório e base documental, é alicerçado na taxionomia proposta por José Marques de Melo e definições do Dicionário do Folclore Brasileiro, de Câmara Cascudo. A análise da cultura popular na atual conjuntura de comunicação global é feita principalmente a partir dos estudos de Néstor Canclini.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Folkmídia; Cocoricó; Televisão.

Considerações iniciais

A obra *Reinações de Narizinho*, com capítulos adaptados para a tevê brasileira, trouxe maior popularidade às histórias de Monteiro Lobato desde meados da década de 1950. O *Sítio do Pica-pau Amarelo*, enquanto programa televisivo, pode ser compreendido como literatura transformada em produto midiático voltado ao público infantil. Muitos dos seus personagens e enredos, representantes de simbolismos entranhados no folclore brasileiro, reverberam até os dias atuais. Nos últimos anos, contudo, outro cenário, também basilado no ambiente rural, tem se destacado entre os programas infantis de televisão. Trata-se do Cocoricó⁴.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Mestranda em Comunicação e Culturas Midiáticas (UFPB), especialista em Leitura (UESB-BA), graduada em Comunicação Social – habilitação Rádio/TV (UESC-BA). Membro do Grupecj-UFPB. Pesquisadora associada à Intercom e à Rede Folkcom.

³ Coordenador de Programação da TV UFPB, especialista em Leitura (UESB-BA), graduado em Jornalismo (UESB-BA). Pesquisador associado à Intercom e à Rede Folkcom.

⁴ Prêmio APCA - Melhor Programa Infantil de TV (1996); Prêmio UNESCO no IV Festival Internacional da Cine para Niños y Jovenes (Divercine, Montevideo) - Melhor Vídeo da América Latina e Caribe



Numa proposta diferente, mas também contemplando conteúdos relacionados às tradições e costumes interioranos/ populares, a série Cocoricó, produção da TV Cultura de São Paulo, surge em 1996, direcionada às crianças em idade pré-escolar. Tem como principal personagem, Júlio, garoto de oito anos que mora com seus avós na Fazenda Cocoricó.

Júlio tem alguns amigos inusitados – o cavalo Alípio, o papagaio Caco e as galinhas Lola, Lilica e Zazá; juntos com o garoto, eles constituem os personagens da trama principal. Como secundários, tem-se a avó e o avô do Júlio, o primo João, a índia Oriba, a vaca Mimosa, o porquinho Astolfo, o morcego Toquinho, o pato Torquato, a pata Vina, o sapo Martelo; além de uma dupla desastrada que atua como arquiinimiga da turma – Dito e Feito.

Segundo depoimento de Bia Rosenberg, coordenadora do Núcleo Infantil da TV Cultura, a criação do Cocoricó teve, como primeira intenção, modificar a programação do período, que era essencialmente urbana. Bia diz que a proposta era “dar para as crianças urbanas um pouco do que é a vida rural e dar, para as crianças das áreas rurais, um pouco do espelho de si próprias” (MEDEIROS et al)⁵. Este último período da fala lembra o que McLuhan (2005) nomina de “Narciso como narcose”, a fascinação pela extensão de si mesmo pelo espelho. Neste contexto, para a criança da zona rural, ver-se na tela da tevê é *existir* em um outro mundo ou, quiçá, para o mundo. Por outro lado, para a criança urbana, perceber personagens e cenários rurais na tevê é se dar conta da existência de um outro mundo, estranho ao seu, mas não menos atraente.

Neste artigo, a pretensão é identificar, descrever e brevemente analisar elementos da cultura *folk*⁶ em episódios selecionados entre a primeira (1996-2003) e a quinta temporada (2008)⁷ do Cocoricó. Ressalta-se que seria inviável tecer mais profundamente o recorte proposto neste curto espaço de texto, considerando a

(1997); Prêmio categoria ficção até 6 anos, no I Festival Prix Jeunesse Iberoamericano, Chile (2003); Melhor Série de Televisão no Festival de Cine Infantil de Ciudad Guyana, Venezuela (2004).

⁵ Ver referência completa.

⁶ Vocábulo de origem inglesa, traduzido como *povo*. No presente estudo, enquanto cultura *folk*, relaciona-se aos elementos populares ou folclóricos.

⁷ O formato do programa, criado em 1996, não era seriado – Júlio e seus amigos apresentavam, a partir de um cenário rural, desenhos europeus educativos. A partir de 2003, o cenário passa a ser tridimensional e o programa é transformado em série, com episódios que trazem roteiros mais complexos. As temporadas estão assim divididas: 1ª: 1996-2003; 2ª: 2003-2004; 3ª: 2005; 4ª: 2006-2007; 5ª: 2008. A 6ª temporada refere-se à exibição a partir de 2010, intitulada *Cocoricó na Cidade*. Nesta, alguns personagens da Fazenda passeiam na cidade grande (São Paulo), em visita à família de João (primo do Júlio). Nota-se, entre outros aspectos, cotidiano com ritmo mais acelerado, ausência de natureza, presença de mais aparatos tecnológicos, intercâmbio constante de informações e ideias entre a cidade e o campo – por meio da internet e telefone, principalmente. Tal temporada não está incluída na análise deste artigo.



quantidade de vezes que o programa foi ao ar, assim como a extensiva possibilidade de abordagens.

De acordo com César Medeiros et al , desde a criação do Cocoricó até o ano de 2009, acumula-se mais de 700 exposições. Ainda, as exposições não se encerram em si mesmas. Produtos com o que é popularmente conhecida como *a turma do Cocoricó* são comercializados nos mais diversos formatos – livros, revistas, brinquedos, discos, DVD's. Os personagens estão estampados em mochilas, vestuários, acessórios e outros tantos objetos em prateleiras de grandes lojas de departamento. Numa rápida busca no *Google*, com a expressão *turma do Cocoricó*, detecta-se mais de 655 mil resultados⁸.

Na observância de elementos e/ou aspectos populares apropriados e transmitidos por meios de comunicação massivos, encontra-se, portanto, a relação com o conceito de folkmídia⁹, compreendido como campo da comunicação que se propõe a investigar e interpretar elementos da cultura popular presentes na mídia de massa. (BENJAMIN, 2000; LUYTEN, 2002; MELO, 2008; TRIGUEIRO, 2008). Acrescenta-se que, no Cocoricó, o ator e manipulador Fernando Gomes, além de dirigir o programa, confecciona cada boneco; o que leva a endossar os traços de uma produção folkmediática, na consideração do feitio dos personagens (artesanato), roteirização (conteúdo *folk*) e veiculação do programa (mediatização) em emissoras públicas de canal aberto (TV Cultura, TV Rá-Ti-Bum e TV Brasil).

Ao passo que a cultura popular mediatizada tende a ser pensada como representação, vale dizer que, neste trabalho, a representação é interposta não como um empecilho no caminho da comunicação intercultural, mas como algo amalgamado a este cotidiano. Acredita-se que “los simulacros forman parte de las relaciones de significación en toda cultura. Incluso en las populares” (CANCLINI, 2000, p. 11). Portanto, não são levantadas questões relativas à validade da manifestação estética da cultura popular, tampouco se existe ou não tentativa de democracia midiática na veiculação de programas televisivos com conteúdo *folk*. Como afirmam Lucia Santaella e Winfried Nöth, o já “ser é ser representado.” (SANTAELLA; NÖTH, 2009, p. 37)

⁸ Busca realizada no dia 04 de abril de 2012. Expressão inserida entre aspas.

⁹ Tal conceito é ampliado a partir de um anterior, o da folkcomunicação, criado pelo jornalista Luiz Beltrão, em 1967, definido como “processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.” (BELTRÃO, 2001, p.73).



1. Primeira temporada (1996-2003)

1.1. Episódios *O Poço do Tatu* e *A Festa dos Países*

O Poço do Tatu traz o problema da seca na zona rural. A história começa com o diálogo do cavalo Alípio com a galinha Lola, ao redor do único poço de abastecimento do sítio, o Poço do Tatu, que está completamente vazio. Neste diálogo, são mencionadas expressões como *a coisa tá feia* e *seca brava*, além de uma fala versada por Alípio: *Poço seco, horta morta! Ai, coitada da nossa horta!*

Na segunda cena, disposta no paiol, a galinha Lilica, acompanhada do papagaio Caco, brinca com o ditado *água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*. Entre os assuntos associados à temática, fala-se sobre o desperdício de água e a necessidade desta para o crescimento da plantação. Preocupadas, as crianças¹⁰ consensuam em buscar auxílio do vaqueiro Leonardo, o qual elas julgam saber exatamente o que deve ser feito para solucionar a seca no sítio. Esta passagem remete à figura do vaqueiro descrita por Câmara Cascudo, como o “valente defensor da propriedade confiada à sua coragem solitária”, incumbido da “decisão nos atos e atitudes.” (CASCUDO, 2012, p. 713)

Ainda nas imagens finais do episódio, tem-se os personagens Dito e Feito, andando à procura de uma cachoeira. Um deles, enquanto caminha, cantarola uma paródia da música Maracangalha, do Dorival Caymmi – *Eu vou para a cachoeira, eu vou...eu vou com a minha bóia, eu vou.*

O Poço do Tatu é datado de 1996, constitui o segundo episódio do Cocoricó exibido na TV Cultura, após o *A Nova Amiga*. O terceiro a ir ao ar é *Festa dos Países*. Nele, Lola, Zazá, Kiko, Mimoso e Júlio brincam, no paiol, de apresentar-se num programa de TV. Mostram danças, canções, saudações e indumentos da Holanda, Estados Unidos, Japão e Arábia Saudita. As músicas das apresentações são emitidas por um rádio ligado por Kiko (papagaio fantasiado de Tio Sam) a cada apresentação de um personagem típico.

Vê-se, nestes espaços, a exibição de aspectos importantes do folclore, não só do Brasil, como também de outros países; aspectos que, ainda que evidenciados

¹⁰ Nos episódios do Cocoricó, o termo “crianças” refere-se a Júlio, Lilica, Toquinho, Caco, Oriba, Astolfo e João.



superficialmente, incitam as crianças telespectadoras ao contato com a cultura do seu povo e a de distintos lugares do mundo.

2. Segunda Temporada (2003-2004)

2.1 Episódios *Cocô e sua Utilidade, Cooperação e Persistência*

Enquanto Lola, Lilica, Zazá, Mimosa e Alípio se alimentam próximos a uma árvore, Júlio chega furioso por ter pisado nas fezes de um jegue. A alusão a este animal, com renome tão peculiarmente nordestino, decerto é algo singular em programas infantis na televisão brasileira.

No episódio *Cocô e sua Utilidade*, detectam-se expressões como *empesteie*, *comer para ficar mais crescido* e *bicho* (esta em substituição à palavra *gente*). Nota-se ainda a presença de termos como *fedido*, *nojento*, *coisa ruim*, *bocó*, os quais, no contexto em que se inserem, encontram conotação de palavrão, elemento que se enquadra no formato Tagarelice, sub relacionado ao gênero Folkcomunicação Oral. (MARQUES DE MELO, 2010).

No quesito culinária, observa-se a situação da aposta acordada entre Júlio e Oribá, na disputa de quem comeria mais pamonha, que “é, das comidas de milho, uma das mais populares e antigas.” (CASCUDO, 2012, p. 523) A ingestão em demasia provoca no menino Júlio, vencedor da aposta, séria constipação intestinal, digna de ser sanada à base do soro caseiro feito por sua avó.

Em uma das passagens, na observação do quarto do Júlio, pode-se descrever um ambiente rico em objetos da cultura *folk*, representado, entre outros aspectos, por brinquedos feitos de madeira, mobiliário rústico, colcha de retalhos, bonecos de pano, diário com capa de pano, fantoches fixados na parede.

No clipe musical exibido durante o referido episódio, tem-se o entoar da música em versão de bossa nova, ritmo genuinamente brasileiro. Na finalização, Zazá solta a quadra em estilo caipira: *Por isso não se esqueça, galinha não é garça...quem demora, faz nas carça.*

Já na primeira cena do *Cooperação*, o garoto Júlio entra em seu quarto cantarolando *o Júlio toca bongô, com quem? com a Turma do Cocoricó!*. O trecho, que traz o instrumento bongô, é parte da música *A Banda do Zé Pretinho*, de autoria de



Hélio Ziskind¹¹. A canção remete ao álbum homônimo, datado de 1978, do Jorge Benjor. Este se configura, por sua vez, como importante artista no fomento aos gêneros samba-rock e samba-funk no Brasil.

No quadro posterior, Júlio não apenas assiste tevê, como também conversa com o apresentador do programa, o qual ensina a fazer um reco-reco artesanal com tampinhas de garrafa e pedaço de madeira. Há uma situação interessante neste íterim – em certo momento, o apresentador do programa estende sua mão para fora da tela da tevê e entrega um pedaço de madeira a Júlio, circunstância simuladora de intensa interatividade, negociação de sentidos e intimidade com o conteúdo televisivo.

Ainda no mesmo episódio, na cena em que Júlio dialoga com sua avó, na cozinha, e a questiona sobre onde encontrar tampinhas de garrafa, tem-se um cenário rico em utilitários condizentes com o gênero Folkcomunicação Icônica – peneira de palha, painéis de ferro com cabo de madeira, suporte de utensílios de madeira fixo na parede, bule e caneca antigos esmaltados. Mais tarde, no paiol, com mesa ornamentada à flores do campo num bule de ferro, é comemorado o aniversário da vovó, com o canto tradicional *é pique, é pique, é pique, é hora, e hora, é hora, rá-ti-bum!* Ressalta-se que o aniversário natalício é designado por Marques de Melo como rito de passagem relacionado à Folkcomunicação Cinética (MARQUES DE MELO, p. 95).

No que tange o episódio *Persistência*, grifa-se as adivinhações. A primeira delas parte do menino Júlio direcionada ao seu avô – *vovô, o que é, o que é, que tem uma porção de dentes, mas não tem boca?*. Mais tarde, situação idêntica é protagonizada pela índia Oriba e a vaca Mimosa. Oriba pergunta à Mimosa: *o que é, o que é, que passa diante do sol e não faz sombra?*. Em contrapartida, Mimosa lança: *o que é, o que é, que tem dois pés, duas pernas e nada mais?*. As duas seguem com outras adivinhas: *o que é, o que é, tem cabeça mas não é gente, tem dente, mas não é pente?*; *o que é, o que é, um céu que não tem estrelas?*; *o que é, o que é, é feito de vidro e mostra tudo que vê?*.

As adivinhas tem papel importante na linguagem. Elas formam ideias e sintetizam conceitos formulados por analogia, antinomia ou assimilação. Para Câmara Cascudo (2012, p. 12), trata-se de “um gênero universal, favorito de todos os povos em todas as épocas”. Conforme Alcides Bezerra (2004), há dificuldade em identificar a origem das adivinhas brasileiras:

¹¹ Hélio Ziskind é autor da maioria das músicas do Cocoricó. Além do Cocoricó, compôs temas também para os programas Rá-Ti-Bum, Castelo Rá-Ti-Bum, X-Tudo, entre outros.

Delas há, e em grande número, de procedência portuguesa, delas há de criação indígena, isto é, do selvagem e do mestiço, e quem sabe não nas temos vindas da África na cativa onda negra? As vindas de Portugal tem símiles no celeiro tradicional dos outros povos latinos, e são provavelmente de diversas origens, pois o velho reino foi sucessivamente habitado, sem falar nas populações pré-históricas, de iberos, lígures, fenícios, romanos, germânicos e árabes, que trouxeram no seu seio, berberes e egípcios. Todos eles concorreram, sem dúvida, para o patrimônio das adivinhas. (BEZERRA, 2004, p. 461)

Avançando nas cenas seguintes de *Persistência*, Lilica, Júlio e Caco criam uma peça teatral, um conto de fadas que tem os mesmos como atores – a princesa, o príncipe e o bobo da corte, respectivamente. Sabe-se que o conto de fadas assume “importância capital como expressão de psicologia coletiva no quadro da literatura oral de um país.” (CASCUDO, 2012, p. 222). No teatro do Cocoricó, a princesa Lilica optou por ficar com o bobo da corte, e não com o príncipe; o que sugere, por sua vez, certa desconstrução das narrativas padrões.

3. Terceira Temporada (2005)

3.1 Episódio *Tu-tu-tu-Tupi*

Nesta temporada, destaca-se o episódio *Tu-tu-tu-Tupi*, que traz clipe musical homônimo. Detem-se, neste espaço, atenção à referida música que aborda a importância do índio para a cultura brasileira. De forma bem animada, a canção fala que *todo mundo tem um pouco de índio dentro de si*; foca-se, todavia, em nomes dados pelos indígenas a frutos, comidas, animais, Estados e outros territórios – *o índio andou pelo Brasil, deu nome a tudo o que ele viu*.

Entre os elementos encontrados no clipe, podem ser vistos colares e brincos artesanais indígenas, cocar e chocalho. A canção parece revisitar a legitimidade da fala do índio – *se o índio deu nome, tá dado/ se o índio falou, tá falado*, o que sugere autoridade à palavra deste povo.

A mesma música também faz referência à sabedoria do cacique da tribo, assim diz o trecho: *o velho cacique já dizia, tem coisas que a gente sabe e nem sabe que sabia*. Esta temática sobre a ancestralidade do saber é retomada mais tarde em outra temporada, no clipe musical intitulado *O Céu dos Índios*. Entre outras abordagens



possíveis, a letra da canção revela ricamente o poder da sabedoria oral como ponte para o conhecimento canalizado por gerações:

Há mais de dois mil anos, à noite, os índios olham para o céu atentamente, atentamente, observam os astros e as estrelas. De tanto olhar e pensar, os índios aprenderam que o céu e a terra estão ligados. A lua mexe com o mar, estrelas azuis avisam: as chuvas fortes vão chegar. Os índios quando saem para o mar, pelos astros, pelos ventos, já sabem que peixe vai dar. Sabem que na lua nova, lua preta, tem menos mosquitos no ar. Os índios do Brasil desenharam lá no céu mais de cem constelações – da Ema, do Homem Velho, da Anta. Os índios não fazem livros, guardam o que sabem dentro das histórias que, à noite, olhando pro céu, passam de boca em boca, de pai pra filho, de geração pra geração. Por isso, quando um índio conta história, toda a tribo presta atenção. (O CÉU DOS ÍNDIOS, [200-])

Na música, o saber astronômico dos índios brasileiros é abordado a partir dos estudos do físico e astrônomo Germano Bruno Afonso, professor da Universidade Federal do Paraná. Assim, ao final do referido clipe, a avó do Júlio canta: *tudo isso que eu disse quem me disse foi um professor que saiu do Paraná e andou de norte a sul*. Os outros personagens presentes na cena completam: *dez anos conversando com os índios sobre o céu e as estrelas do Brasil. Professor Afonso, que história mais bonita que o senhor descobriu! Vê-se que a história oral aparece de mãos dadas com a formal e, neste exemplo, o programa televisivo media estes saberes conjugados – o tradicional e o acadêmico – de modo amplo e massificado.*

Acrescenta-se ainda a relevância da fala final trazida, não na voz de outro personagem, mas na da avó do Júlio, o que remete ao respeito à sabedoria dos mais velhos, dos contadores de histórias, guardadores da memória, especialmente em comunidades não letradas.

4. Quarta Temporada (2006-2007)

4.1 Episódios *Natal é para Todos e Bandeira do Paiol*

O *Natal é para Todos* inicia com a discussão em torno da existência ou não do Papai Noel. Enquanto as crianças acreditam que o velhinho existe, o pato Torquato diz que tudo não passa de uma mentira e forja uma carta de Papai Noel, destinada às crianças, contendo um mapa dos presentes. As crianças saem à procura dos presentes e



retornam, sem sucesso, para o paiol; quando descobrem que tudo não passa de uma brincadeira do pato. Durante a festa, porém, Júlio vê o Papai Noel, pela janela, e o chama de *arteiro*. O episódio termina com um clipe musical, no qual os bichos da fazenda, Júlio e seus avós festejam a data no paiol, que está ornamentado com cordões e árvore de Natal.

No Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo menciona o Natal como “a maior festa popular do Brasil” (CASCUDO, 2012, p. 475), manifestação típica do folclore religioso do país. Lembra ainda que, para o povo, a data é simplesmente conhecida como “noite de festa”. Este sentido, de “noite de festa”, é o celebrado no episódio do Cocoricó; com danças, bebidas e comidas típicas.

Já *Bandeira do Paiol* tem início com uma cena em que Júlio e a índia Oriba assistem aula sobre cada elemento presente na bandeira do Brasil. As cenas subseqüentes do episódio transcorrem com Júlio, na fazenda, discutindo junto aos seus amigos, a criação de uma bandeira da Fazenda Cocoricó. Nesta acepção, é verificado, por meio do livro emprestado pela professora do Júlio, que cada cor e elemento devem ter um significado. Ao fim, as crianças criam não só uma bandeira (hasteada em mastro de bambu, ao lado da bandeira do Brasil), como também um hino:

Cocoricó (coro). Quando o galo canta, a mão da mãe natureza levanta o manto de estrelas e amanhece no Brasil. Nossas cores sobem ao céu, o vento estufa as bandeiras, balança as palmeiras onde cantam os sabiás. Recebe o afeto que se encerra em nosso peito juvenil, querido símbolo da terra, da amada terra do Brasil. Cocoricó (coro).

Acrescenta-se que o episódio *Bandeira do Paiol*, além de exibido em canal aberto de tevê, é parte integrante do DVD Cocoricó lançado em 2010, sob nome *Cultura Brasileira*. Neste, tem-se abordagens de temas como jogos, brincadeiras, circo, festa junina, lendas do saci e da mula sem cabeça.

5. Quinta Temporada (2008)

Esta temporada pode ser considerada como fase de transição entre os conceitos de folkcomunicação e folkmídia, se relacionados no contexto do Cocoricó. Até aqui, tem-se personagens da Fazenda expressando suas idéias e informações por meio de manifestações ou objetos por eles criados. As histórias se passam em torno de



brincadeiras improvisadas, envolvendo apresentações de teatro, circo, fábulas, contações de histórias e adivinhas. São comuns trechos contendo invenção de brinquedos artesanais, envio de cartas, escrita em diário de papel, bate-papo pela janela, festejos e culinária tipicamente tradicionais. Tais circunstâncias podem representar princípios folkcomunicaçãois.

Na quinta temporada, contudo, João, primo do Júlio, que mora na cidade grande, passa férias na Fazenda e leva para o sítio objetos até então desconhecidos da turma – vídeo-game, câmera filmadora, telefone celular e *laptop* com acesso à Internet. Tal circunstância remodela o cotidiano do lugar, instrumentalizando os personagens na edificação de outros discursos e atividades. A temporada posterior, todavia, *Cocoricó na Cidade*, leva personagens da Fazenda para passear em São Paulo, num ambiente narrativo indicativo de folkmídia. Como já mencionado, a sexta temporada não é analisada aqui.

5.1 Episódios *Isso Pega* e *O Mini-Game*

Isso pega tem início com as crianças saindo para uma pescaria. Elas levam máquina fotográfica, com o objetivo de registrar a experiência, e deixam, no paiol, o laptop do João, a fim de animar Lilica que está gripada e não poderá pescar. A história perpassa em volta da possibilidade da galinha Lilica transmitir o vírus da gripe para o computador. Salienta-se que o *laptop* apresenta, em sua capa, uma pêra mordida, símbolo que remete à logomarca da Apple.

Já em *O Mini-Game*, as crianças inicialmente brincam de esconde-esconde e, logo após, de futebol de várzea. Enquanto isso, João, fora do grupo, se mantém concentradíssimo e agitado com seu mini-game, fato que chama a atenção do seu avô. É interessante notar o sotaque e o vocabulário trazidos pelo menino, que contrasta com a linguagem caipira. Destaca-se algumas das suas expressões – *fala ô, o quê que tá pegando?; passei de fase, mano!; irado!; que manêro!; vamo nessa, mano!; demorô!; deixa rolar!; e ai, galera?*.

Alguns dos hábitos e expressões utilizados pelo primo de Júlio causam certo estranhamento aos personagens da Fazenda, mas, juntos, eles vão descobrindo seus significados e os incorporam em seus fazeres e diálogos. Um indicativo desta afirmativa pode ser demonstrado no bate-papo entre Caco e Lilica em *Isso Pega* – a galinha



exclama: *que legal esta ideia de navegar sem sair de casa, não é Caco?!*, ao que o papagaio responde: *o João que me ensinou, Lilica; pela internet, dá para navegar pelo mundo inteiro!*.

5.2 Episódios *Tá Ligado?* e *Web Ovo*

No episódio *Tá Ligado?*, João caminha por grande parte da Fazenda, em busca de um lugar com boa recepção de sinal para o seu telefone celular. É o próprio garoto que explica o que é sinal: *são ondas invisíveis que saem de uma antena e vem para este celular aqui, ó, transmitindo ligações das pessoas que querem falar comigo. Sem sinal, não posso receber ligação nenhuma!*. A esta explicação, o cavalo Alípio lança a pergunta: *E tem tanta gente assim querendo falar com você, João?*. Com ar incisivo, João responde: *Sem comunicação, o mundo para, Alípio! (...) Eu tenho muitos contatos importantes pra fazer com o pessoal da cidade, dá licença!*

Depois de finalmente compreenderem o que é o sinal, as crianças se questionam por que é tão importante ter um telefone celular ativo. Para João, *o lance é sempre ficar comunicável!*. O episódio mostra, de maneira descontraída, como as crianças dos grandes centros urbanos tem os aparatos tecnológicos incorporados ao seu cotidiano, ainda que, aparentemente, estas tecnologias não lhes tragam maiores benefícios em ambientes como o rural. Em *Tá Ligado?*, a única chamada telefônica recebida por João é do próprio primo Júlio, que está na casa da Fazenda o esperando para jantar.

No episódio *Web Ovo*, João, já de volta à cidade, envia por correio uma *webcam* para poder visualizar os amigos da Fazenda nos diálogos via *chat*; ele havia deixado um *laptop* no paiol para este fim. Porém, numa confusão arquitetada por Dito e Feito, a *webcam*, em formato de ovo, é colocada no ninho da galinha Zazá. As crianças custam a encontrar a câmera porque João havia se referido à ela como uma *paradinha manêra*, termo por elas desconhecido. Ao pesquisar num *blog*, Júlio descobre que a expressão *paradinha manêra para se comunicar* pode ser uma *webcam*, a qual possui diversos formatos, inclusive de um ovo. Desfeita a confusão, o *web ovo* é encontrado e conectado ao *laptop*, permitindo a conversa de Zazá e João, adentrando a madrugada, incomodando o sono dos animais do paiol.



5.3 Episódio *TV Paiol*

Um dos artefatos que João leva para a Fazenda, durante suas férias, é uma câmera filmadora. Com ela, as crianças brincam de criar programas para serem veiculados na suposta TV Paiol, que tem Júlio como diretor, movimentando a rotina do lugar. No episódio *TV Paiol*, a primeira cena capturada pelo cinegrafista João, tem como repórter a índia Oriba. Ela entrevista o Sapo Martelo, citado como especialista em poluição. *Como fazer para saber se a água da lagoa está poluída?* é a primeira pergunta feita pela repórter. A gravação do programa deixa enciumada a Pata Vina, a qual, juntamente com o Pato Torquato, Dito e Feito, criam a concorrente TV Pá.

Neste episódio, são mostradas situações e objetos até então ausentes no Cocoricó, como gravação de DVD, captura de imagens via filmadora, enquadramento de imagem, entrevista com microfone de mão. O roteiro, com denotação metalingüística, leva para a Fazenda um outro tipo de passatempo para as crianças, munido de tecnologias, mas utilizando o próprio ambiente e seus temas para construir o conteúdo da TV.

No fim do episódio, por um equívoco, o DVD gravado pelas crianças acaba sendo enviado à TV (oficial) de Cocoricolândia, chamada pelo Pato Torquato de *tevê de gente grande*. Esta, caracterizada como meio de comunicação de massa, queda-se tão satisfeita com o programa da TV Paiol, que convida seus integrantes para gravarem oficialmente. A circunstância pode ser apontada como folkmediática, ao considerar a folkmídia como mediação da cultura popular nos meios de comunicação massivos.

Considerações finais

A mídia com temática ligada ao rural – oferecendo imagens de brinquedos artesanais e sons de animais sob céu azul – contrasta com a realidade de grande parte das crianças citadinas, cercadas de sons de diversões eletrônicas e buzinas de automóveis sob céu cinzento. Acredita-se que, tal qual a vida real, no Cocoricó estes contrastes são aproximados, pensados mais no contexto do hibridismo (CANCLINI, 2008) que da diferença cultural.

No programa Cocoricó, além da relação holística do homem com o campo, o universo *folk* transborda no conteúdo que – mesmo exibido sob representação midiática

– traz a caracterização de personagens tipificados em suas vestes, linguagens, diálogos e tradições envolvendo a cultura popular. É deste modo que a mídia recupera a cultura *folk* e a recodifica para milhares de crianças que talvez nunca tenham se aproximado de uma galinha ou vaca de verdade.

Muitos dos elementos identificados no Cocoricó, relacionados à cultura *folk*, são comuns a praticamente todos os episódios, por fazerem parte do cenário e figurino fixos do programa – cestarias, rendas na roupa da vovó, utensílios da cozinha, brinquedos de madeira e outros artesanais no quarto do Júlio; gongolos, tranças de alho e lampiões no paiol. A partir da taxionomia definida por José Marques de Melo, delineou-se, então, um quadro contendo itens identificados no referido programa televisivo, vinculados aos gêneros folkcomunicacionais (tabelas 1):

Tabela 1: Gêneros folkcomunicacionais encontrados no programa Cocoricó.

Gênero	Formato	Tipo(s)
Folkcomunicação Oral	Colóquio	conversa fiada
	Música	baião, moda de viola
	Prosa	conto de fadas
	Rumor	boato, gíria
	Passatempo	adivinhação, charada
	Verso	parlenda.
Folkcomunicação Visual	Escrito	correio sentimental
Folkcomunicação Icônica	Diversional	boneco de barro, brinquedo artesanal, jogos infantis
	Nutritivo	bolos, biscoitos
	Decorativo	adornos pessoais, bordados de cama e mesa, cestaria, ornamentos domésticos, figuras de enfeite, luminárias.
	Utilitário	mobiliário, vestuário
Folkcomunicação Cinética	Festejo	carnaval, festa junina, forró, festa natalina
	Distração	pelada de várzea
	Dança	samba, batuque
	Rito de Passagem	aniversário natalício

Fonte: A partir de MELO (2008, p. 92-94).

Vê-se que são detectados, no programa, itens pertencentes aos quatro gêneros definidos por Marques de Melo, o que pressupõe certa riqueza em elementos *folk*. Cabe ressaltar que a simples identificação de elementos não garante, decerto, um conteúdo vinculado ao folclore. A forma como são contextualizados e exibidos, contudo, visivelmente apropriados por narrativas ligadas ao rural, denota um processo folkmediático. Processo este que, no Cocoricó, basila a audiência composta por crianças de todas as idades, há mais de 15 anos.



Referências bibliográficas

A FESTA DOS PAÍSES. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 1996. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8PIBzARWRIE>. Acesso em 13 de março de 2012.

BANDEIRA DO PAIOL. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, [2006?]. Programa de TV. Disponível em: <http://youtu.be/uZfiEfKOYaE>. Acesso em 12 de março de 2012.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2000.

BEZERRA, Alcides. **Antologia do folclore brasileiro**. v.2., 6 ed., São Paulo: Global, 2004.

CANCLINI, Nestor. **Cultura popular: de la épica al simulacro**. Barcelona: Museu D'Art Contemporani de Barcelona, 2000.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

COCÔ E SUA UTILIDADE. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, [2004?]. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=riZbcxrETFM>.

COOPERAÇÃO. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 2003. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Ln8zhRSPDTo&feature=BFa&list=UUu6Uovzn0w0LmPbpQsJCfKg>. Acesso em 15 de março de 2012.

ISSO PEGA. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 2008. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SIVUNYumtrY>. Acesso em 14 de março de 2012.

LUYTEN, Joseph. **Folkmídia. V FOLKCOM**. Santos/SP, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MEDEIROS, Cesar et al. **Cocoricó (documentário compacto e bastidores)**. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=KklYX92yn18>. Acesso em 04 de abril de 2012.



MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

O CÉU DOS ÍNDIOS. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura. [200-]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YRzDtOSp9fQ>. Acesso em 04 de abril de 2012.

O MINI-GAME. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 2008. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SIVUNYumtrY>. Acesso em 14 de março de 2012.

O NATAL É PARA TODOS. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, [2006?]. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=O6BcMoK4HY4>. Acesso em 13 de março de 2012.

O POÇO DO TATU. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, [199-?]. Programa de TV. Disponível em: <http://youtu.be/UxndFOSUI0g>. Acesso em 15 de março de 2012.

PERSISTÊNCIA. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 2003. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Ln8zhRSPDTo&feature=BFa&list=UUu6Uovzn0w0LmPbpQsJCfKg>. Acesso em 15 de março de 2012.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. Representações da alteridade nas mídias. **Revista Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 33-40, dez. de 2009.

TÁ LIGADO?. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 2008. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SIVUNYumtrY>. Acesso em 14 de março de 2012.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

TU-TU-TU-TUPI. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 2005. Programa de TV. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=SFfg01_mW10&feature=BFa&list=UUu6Uovzn0w0LmPbpQsJCfKg. Acesso em 14 de março de 2012.

TV PAIOL. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 2008. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SIVUNYumtrY>. Acesso em 12 de março de 2012.

WEB OVO. **Cocoricó**, São Paulo: TV Cultura, 2008. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SIVUNYumtrY>. Acesso em 14 de março de 2012.